

**Resumo:** O autor responde à pergunta feita no título do seu artigo: “O método das Santas Missões Populares está a serviço da Missão Continental?” E começa lembrando que essa “Missão Continental” é a grande prioridade deixada pela Conferência de Aparecida e assumida pelo Episcopado latino-americano. A seguir, apresenta as “possibilidades”, sem deixar também de apontar para as “incongruências” do referido “método” das Santas Missões Populares postas a serviço da “Missão Continental”, cujo projeto vem expresso no Projeto Nacional de Evangelização “O Brasil na Missão Continental”, e no “Itinerário da Missão Continental”, com seus principais pressupostos. Entre esses, a Diocese, e a Paróquia, que deveriam constituir-se “em permanente estado de missão”. E conclui: Para além de um grande evento missionário, como os realizados pelas Missões Populares, a Missão Continental, uma vez mais, coloca como objetivo a continuidade da renovação da ação missionária, incorporando-a nas estruturas, dinâmicas formativas e planejamentos pastorais. Tal dinamismo, atuando como “pastoral decididamente missionária”, nesse sentido, não é mais tarefa das SMP, mas obra a ser pensada e realizada na continuidade do cotidiano.

**Abstract:** The author answers the question raised in the title of the article “The method of Holy Missions among the people is at the service of the Mission of the Continent?” To begin with it is to be remembered that the “Mission extended to the Continent” is the foremost priority endorsed by the Conference of Aparecida and by all Latin American Bishops. The following subject dealt with concerns the possibilities without leaving out some incongruous aspects of the method underlying the Holy Missions among the people in a far reaching scale to embrace the “Continental Mission”. In fact, it constitutes the national project of evangelization and served as criterion for “Brazil involved in the Continental Mission” and the “Itinerary of the Continental Mission” with the main presuppositions therein implied. Mention is made of the diocese and the parish which should show forth permanent readiness to reach out. The conclusion to be drawn is to pool resources, renewal of strategies, marshalling the forces of all the faithful. The dynamic efforts implementing the pastoral activity of missionary service in the Church transcends the Holy Missions among the people because it is the fulfillment of salvation in history in progress in daily life.

## O método das Santas Missões Populares a serviço da Missão Continental?

### Questionamentos sobre suas possibilidades e incongruências

Pe. Sidnei Marco Dornelas, CS\*

\* O autor é da Congregação dos Missionários de São Carlos. Assessor do Setor Mobilidade Humana e Missão Continental da CNBB.



A Missão Continental (MC) é a grande prioridade deixada pela Conferência de Aparecida e assumida pelo Episcopado latino-americano. Ela vem encontrando diferentes formas de implementação nos países da América Latina. No Brasil, a CNBB, em sua Assembleia Geral de 2008, delineou o modo como entende que ela deveria ser colocada em prática. Nas DGAE 2008-2010, assim se expressa sobre a MC:

A Igreja no Brasil sempre foi missionária. No entanto, esta consciência tem-se intensificado sobretudo nos últimos tempos, como atestam o novo estilo das Diretrizes (DGAE) e os projetos quadrienais: Rumo ao Novo Milênio, Ser Igreja no Novo Milênio, Queremos ver Jesus. Chegou a hora de intensificar este espírito missionário, participando da Missão Continental, assumindo-a com rosto brasileiro, conforme a realidade e a caminhada das nossas Igrejas Particulares (212).

Na verdade, esse trecho vem lembrar que a MC não é um evento isolado entre outros, e nem pode ser visto em descontinuidade com a caminhada missionária já realizada pelas Igrejas Particulares, ou desvinculada dos projetos de animação missionária assumidos pela Igreja no Brasil nos últimos anos. A rigor, a proposta da MC busca tão simplesmente tornar efetiva a prioridade elegida pelos bispos em Aparecida: realizar a “conversão pastoral”, no sentido de uma Igreja em “estado permanente de missão”. Mais concretamente, tornar realidade a aspiração de fazer passar a pastoral de nossas comunidades, de uma “pastoral de mera conservação” para uma “pastoral decididamente missionária” (Ap 370). Ora, ao longo das últimas décadas, por meio de seus planos de pastoral e projetos missionários, a Igreja no Brasil e parte substancial das Igrejas Particulares têm-se proposto esse mesmo objetivo. É na continuidade desse percurso histórico que deve ser entendida a implementação da MC.

Tendo presente, portanto, a caminhada da Igreja no Brasil, constata-se que em várias dioceses, inclusive através da ação de algumas congregações de vida consagrada, existe já um trabalho consistente de animação missionária, inclusive com o propósito expresso de renovar estruturas paroquiais, multiplicando a participação e estreitando os vínculos entre as diferentes comunidades e pastorais. Nesse sentido, uma metodologia fecunda foi-se construindo, encontrando expressão nas Santas Missões Populares (SMP). Com a bagagem dessa experiência, surgiu então naturalmente a pergunta: não seriam as SMP o instrumento



mais fecundo, mais propício, para fazer deslanchar o espírito da MC em nossas Igrejas?

De início, uma aparente incongruência parece questionar essa proposta de aplicação da metodologia das SMP a serviço da MC. De um lado, o objetivo da MC, de colocar todas as comunidades num “permanente estado de missão”, pressupõe que existam ou se criem estruturas de continuidade nas Igrejas locais que, no cotidiano, permitam a “permanência” desse estado; por outro, as SMP, em todos os casos, preveem um roteiro que se desenrola num percurso que compreende um começo, um meio e um certo fim, mesmo que apontando para alguma forma de continuidade. Seria uma incongruência, na medida em que as SMP se estruturam mais como um evento localizado no tempo, enquanto que a MC busca dar o impulso para uma nova mentalidade e dinâmica de ação e estruturação pastoral, com pretensão de se estender indefinidamente. Na busca de refletir como colocar as SMP a serviço da MC devemos, logo, colocar em pauta a questão: como fazer com que a metodologia emergente da prática das SMP possa tornar efetiva a prioridade de Aparecida, a MC? Em outros termos, como ensinar, por meio delas, uma mentalidade e estruturas eclesiais de um “permanente estado de missão”?

Neste trabalho, procurando dar uma resposta concreta a essa questão, partimos de uma breve apreciação das possibilidades das SMP, enquanto instrumento apto para viabilizar os objetivos da MC. Em seguida, consideramos as linhas principais do projeto da MC, tal como expresso no Projeto Nacional de Evangelização “O Brasil na Missão Continental”, e no “Itinerário da Missão Continental”, com seus principais pressupostos. Entre esses, a Diocese, enquanto elabora o Plano de Pastoral de conjunto para toda Igreja local; e a Paróquia, enquanto “unidade operacional” da missão e local onde efetivamente se vive em comunidade. Em especial, levantamos alguns questionamentos sobre a dinâmica social em que se movem atualmente o espaço e as estruturas paroquiais. Buscando uma visão mais realista e lúcida do que seja hoje a situação da Diocese e das paróquias, procuramos também visualizar como as SMP podem prestar um serviço útil na implementação da MC. Finalizamos com algumas questões abertas sobre a “leitura orante da Bíblia”, o uso da simbologia religiosa, ou sobre possíveis modalidades alternativas de SMP para ambientes urbanos ou aqueles considerados como “fronteiras” da ação pastoral da Igreja.



## Santas Missões Populares (SMP)

Nos últimos anos, em várias dioceses e também por iniciativa de algumas congregações religiosas, a experiência das SMP tem-se difundido como um método eficaz de renovação da vida eclesial. Sobretudo em meio rural, não faltam testemunhos sobre a riqueza de seus frutos no que diz respeito a uma revitalização individual de cada cristão, mas também das comunidades juntamente com suas Paróquias e Dioceses. De tal maneira que, mesmo antes da Conferência de Aparecida, quando já se falava da MC como a sua grande proposta conclusiva, as SMP foram consideradas como um modelo genuinamente brasileiro em vista de uma missão compreendendo todo o continente. E de fato, na leitura do “Itinerário da Missão Continental”, elaborado pelo CELAM (2009), encontramos ecos, não só de conteúdos da proposta das SMP, mas também de tantos outros projetos e planos pastorais desenvolvidos pela Igreja do Brasil, assim como de muitas Dioceses, ao longo das últimas décadas. O que o método das SMP apresenta, amadurecido por uma experiência acumulada de muitos anos de prática missionária, e tendo mesmo uma certa sistematização, é uma simplicidade de meios ao lado de uma clareza de objetivos, tornando-o acessível a qualquer contexto pastoral, por mais carente que seja.<sup>1</sup>

Poderíamos citar algumas das características da sua metodologia e experiência acumulada, que a candidatam a ser um instrumento fecundo para a difusão e concretização dos objetivos da MC. Antes de mais nada, a simplicidade de sua proposta, sintetizada com a expressão “a missão de Jesus”, como o cerne da espiritualidade do missionário, podendo ser compreendida por qualquer leigo. É interessante notar como esse princípio dialoga com um aspecto central da MC e um de seus principais objetivos, sintetizado no seu lema “a alegria de ser discípulo missionário”. A MC tem como um de seus objetivos primeiros justamente gerar uma mentalidade e atitude permanente de missão em cada batizado, e para isso propõe o método da “leitura orante da Bíblia”. A conscientização de princípio das SMP para cada missionário, de que ele está agindo na “missão de Jesus”, através de uma ligação cotidiana entre a vida e o Evangelho, pode dialogar com a proposta da “leitura orante” da MC. Nesse sentido, os vários métodos de “leitura orante” poderiam contribuir ao

<sup>1</sup> Nos servimos da contribuição de Luis Mosconi & Alii, “Uma profunda experiência da Trindade Santa vivida no coração das massas”. In: CNBB. *Missões Populares da Igreja no Brasil: memória, projeto, seguimento*, 2007.



que as SMP chamam de “missão de Jesus”, aprofundando a consciência que deve animar qualquer metodologia missionária.

Outra característica importante das SMP está na busca em se apoiar nos recursos locais, em termos de meios e pessoas, para atingir a especificidade da realidade na qual atuará. É o que, em outros termos, seria saber aproveitar da limitação ou simplicidade dos meios existentes, confiando na capacidade das pessoas comuns. Busca-se a utilização dos espaços disponíveis, o uso de dinâmicas simples como os momentos de partilha, de conversa e de oração comunitária sobre os temas da vida no dia a dia. Enfim, uma radical confiança nos pobres. Essa perspectiva das SMP pode ser o alicerce da MC na medida em que um dos seus objetivos principais é ir ao encontro dos cristãos afastados, em qualquer ambiente em que esses se encontrem. Mais do que destinatários, busca-se interlocutores. Tal “interlocução”, um diálogo franco e aberto, exige uma atitude de humildade que se apoie justamente na simplicidade dos meios, com uma atenção à especificidade de cada realidade local. Significa confiar e saber delegar a cada leigo a tarefa de entrar em tais ambientes, alargando o raio de ação da Igreja, incrementando seus espaços de participação, a fim de alcançar a meta da MC, tornar a paróquia uma “rede de comunidades”.

Mas, principalmente, uma característica da proposta das SMP, que pode habilitá-las de maneira especial à MC, é que elas buscam expressamente ser uma “sacudida” na vida das pessoas e estruturas paroquiais e diocesanas, acomodadas numa “pastoral de mera conservação”. Nesse sentido, como método de mobilização que envolve indistintamente todos os grupos paroquiais, numa convocação que relativiza temporariamente o calendário e a rotina habitual de cada grupo, as SMP criam um tempo especial de atividades que tendem a colocar em primeiro plano o fundamental da comunidade eclesial. Nesse “tempo especial”, as SMP, envolvendo num planejamento participativo todas as forças vivas da Igreja local, podem efetivamente alavancar uma nova forma de participação, ao alicerçarem uma consciência renovada de Igreja que supere o particularismo de devoções, interesses e programas de grupos e movimentos. Numa perspectiva que privilegie a Igreja local no seu conjunto e sua missão de difundir o evangelho, mais do que a manutenção de suas estruturas paroquiais, essa “sacudida” pode ser realmente a ocasião de uma “conversão pastoral”.

Enfim, as SMP, apesar de sua potencialidade, continuam a ser um “instrumento” que pode ser tanto ou mais fecundo, na medida em



que ele se adapta e é mobilizado em função dos objetivos que a Diocese e Paróquias se propõem na dinâmica de uma MC. Em outros termos, as SMP não podem estar desvinculadas da realidade da Igreja local, e sobretudo de um planejamento pastoral que busque a continuidade entre a caminhada pastoral anterior e a proposta de avançar, no sentido de uma Igreja que integre outros ambientes e evangelize realidades de “fronteira”, criando seu próprio modo de estar “permanentemente” em estado de missão.

## Diocese

O projeto da MC, tal como elaborado no “Itinerário da Missão Continental”, ao argumentar sobre a sua novidade em relação a outras iniciativas missionárias, afirma que procura sua realização como “processo pedagógico” em vista da implementação do principal objetivo de Aparecida, a “conversão pastoral”. Necessariamente, o ponto de referência fundamental desse “processo pedagógico” é a Diocese, como unidade pastoral. Mais importante ainda, a Diocese deve ser a referência para a implantação de uma verdadeira pastoral orgânica, numa concertação e sinergia envolvendo todos os batizados, pastorais e seus planejamentos. Ou seja, na verdade o projeto da MC não faz mais do que confirmar, não só o que Aparecida declara, mas também o que é desde sempre reconhecido como a principal autoridade em termos de ordenamento de toda atividade pastoral: a Diocese. Ao indicar a Diocese como sua unidade pastoral, como a referência para a elaboração do projeto de pastoral de conjunto da Igreja local, o projeto da MC em outros termos mostra que tem como objetivo a renovação das estruturas já existentes na Igreja.

Portanto, é no âmbito do planejamento da ação pastoral pela Diocese, numa convocação ampla de todas as forças vivas da Igreja local, que devem ser decididos quais os objetivos, quais as estratégias, a metodologia, a distribuição das atividades, sua programação e plano de ação. É nesse âmbito que deve ser pensado o modo de utilização do instrumental das SMP. As SMP devem se colocar a serviço para viabilizar os objetivos em torno dos quais o projeto missionário da Igreja local foi construído, em vista da continuidade que ela almeja alcançar. Entendido como processo pedagógico, as SMP cumpririam também uma função de laboratório para a formação de lideranças, no sentido de as prepararem para uma dinâmica mais participativa de Igreja na realidade local, e nos novos ambientes em que penetrarem.



Na elaboração de tal projeto devem entrar necessariamente: a análise social e eclesial da realidade da Diocese, com detalhamento dos seus pontos sensíveis; um posicionamento frente às conclusões de Aparecida, em que possa sobressair o “rosto” da Igreja local, como um “rosto específico do continente” a ser contemplado na MC; a proposição de objetivos, prioridades, estratégias, metas consensualizadas por todos; o delineamento de um itinerário formativo dos missionários, em vista também de sua continuidade como agentes de pastoral; uma sondagem dos ambientes e grupos que estão na “fronteira” ou fora do âmbito eclesial, e que necessitam de modalidades de ação pastoral alternativas. O itinerário formativo do missionário deve levar a um clima de abertura suficiente para saber como acolher e se relacionar com as realidades mais difíceis e complexas, justamente aquelas que se encontram na “fronteira” da ação pastoral.

Para identificar essas realidades de “fronteira”, o próprio documento de Aparecida oferece pistas preciosas, identificadas como os “rostos sofredores que doem mais” (item 8.6): pessoas que vivem na rua nas grandes cidades; migrantes; enfermos; dependentes de drogas; detidos nas prisões. Dentre esses, a categoria que apresenta um arco mais amplo de realidades específicas é a denominada de “migrantes”, se considerarmos o vasto leque de pessoas atingidas pela mobilidade humana: imigrantes, famílias de emigrantes, migrantes urbanos, migrantes sazonais e temporários, trabalhadores do mar, nômades, caminhoneiros, vítimas do tráfico de pessoas, refugiados, entre outros. Existem, inclusive, experiências bem sucedidas de acompanhamento de migrantes temporários nas suas realidades de origem e destino, que dialogam com a prática consagrada nas SMP. A difusão dessa modalidade de missões populares entre migrantes temporários rurais, suas famílias e comunidades, tem permitido realizar uma mútua sensibilização entre as Dioceses de origem e destino dos migrantes, em vista de uma maior colaboração no seu acompanhamento.<sup>2</sup> Essa experiência mostra-se tanto mais fecunda quanto, não só permite alargar o horizonte do país e do continente entre Igrejas distantes e seus respectivos agentes de pastoral, facilitando o intercâmbio e troca de experiências, criando uma proximidade única com a condição bipolar vivida pelos migrantes e suas famílias, como também vem constituindo

<sup>2</sup> Para conhecer mais o trabalho da Pastoral do Migrante Temporário Rural e sua experiência de missões populares, consultar o material do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) e da Pastoral do Migrante sediada em Guariba (SP). Cf. <<http://www.pastoraldomigrante.org.br>>.





uma modalidade de ação missionária que pode ser adaptada para outros contextos marcados pela mobilidade humana, como os imigrantes latino-americanos e os brasileiros no exterior.

O planejamento da MC não pode deixar de prever também todas as estruturas e recursos necessários, ao ter presente a complexidade que ela pode atingir, mesmo que, no espírito das SMP, reconheça que a grande riqueza da ação missionária se encontra nos meios e pessoas simples disponíveis no local. Assim, faz parte do esforço de convocação e mobilização a realização de uma agenda de retiros, de cursos de capacitação, de assembleias e itinerários de ações conjuntas. Nesse sentido, a metodologia das SMP pode se tornar a oportunidade para unir toda a Diocese num esforço conjunto e concertado de ações. Essa metodologia pode agir já como uma forma de convocação e animação de todas as forças vivas da Igreja local: paróquias, movimentos, pastorais, grupos específicos, entidades. O consenso de todos em torno da metodologia das SMP pode facilitar não só a realização propriamente dita da missão em toda a Diocese, mas pode também contribuir para uma linguagem e experiência comum que encaminhe para o momento posterior, para dar forma a uma pastoral planejada em vista de sua continuidade futura. Justamente, nesse sentido, deve haver o consenso em torno da Paróquia, como o local e foco para o qual converge a proposta de realização da MC e sua posterior continuidade. Nesse ponto é que o projeto da MC aponta como meta a “conversão pastoral” das estruturas paroquiais.

## Paróquia

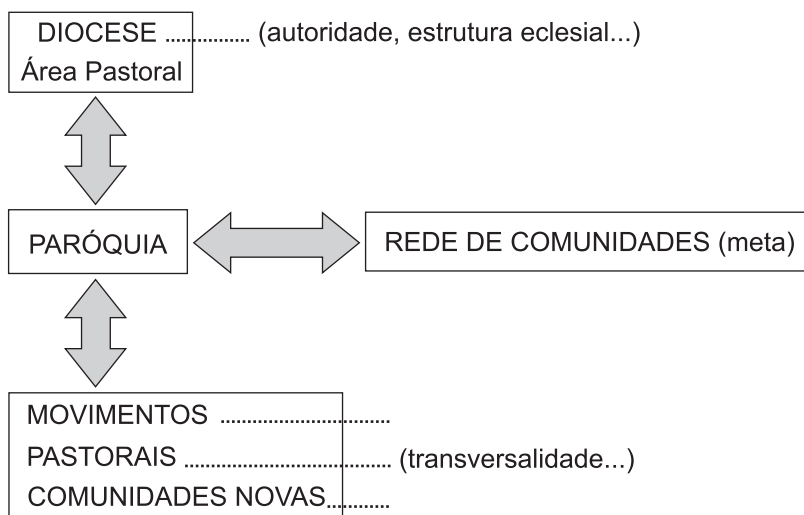
A grande meta missionária da MC é a “conversão pastoral” das estruturas paroquiais, ou seja, a passagem de uma pastoral de “conservação” para uma “pastoral decididamente missionária”. Logo, é da Paróquia que se trata, de sua delimitação territorial, do uso de seus recursos físicos e econômicos, de suas atribuições e limitações jurídicas, de seu papel de organizar a ação pastoral. A Paróquia, porém, antes de ser apenas essa estrutura de ação pastoral, é o local de encontro dos cristãos que vivenciam sua experiência comunitária, onde praticam e celebram sua fé, além de pertencer ao meio social onde se sentem chamados a evangelizar. Ela é o espaço no qual eles se podem identificar emocionalmente, e a partir do qual podem se sentir interpelados e motivados pessoalmente a participar, como parte do grupo do qual fazem parte. É no espaço da Paróquia, enquanto unidade operacional da MC, que a missão de fato deverá ocorrer,





que o processo pedagógico e formativo também se realizará, e onde uma nova estrutura de organização eclesial e de ação pastoral poderá ter lugar. É nesse espaço local que se poderá medir a incidência da ação pastoral da Paróquia e seu comprometimento com a MC.

No entanto, nunca é demais atentar para a realidade efetiva da Paróquia nos dias de hoje, para o jogo de relações que os seus atores estabelecem no interior de seu espaço, mas também com outras instâncias e espaços de ação eclesial. A Paróquia hoje é muito mais do que simplesmente uma unidade jurídica e territorial, de prestação de serviço social e religioso, e está passando, às vezes imperceptivelmente, por grandes transformações. Ensaando um esboço de demonstração, expomos o seguinte esquema:



A renovação paroquial desejada pelo projeto da MC reflete o que buscavam os Bispos da América Latina reunidos em Aparecida: que a Paróquia possa ser concretamente uma “escola de comunhão”, através de modalidades variadas de acolhida e de organização da ação pastoral, como a setorização de paróquias, ou a proposição de um plano orgânico comum a diversas paróquias, ou sua estruturação como “rede de comunidades”, entre outras (Ap 517 e 518). São tentativas de responder a uma realidade que se transforma rapidamente, e que vem se tornando cada vez mais complexa. Por trás de tais propostas, percebe-se como os Bispos de fato já encontram modalidades alternativas de participação no espaço



eclesial que são transversais a qualquer planejamento pastoral. No quadro acima, esboça-se sinteticamente o jogo de relações diferenciadas no qual a Paróquia se encontra envolvida. Em primeiro lugar, toda Paróquia, como unidade territorial e canônica, deve responder a uma relação de autoridade à qual está submetida, na figura da Diocese. Toda Paróquia é uma porção da Igreja local, atuando numa relação de obediência e subsidiariedade. É nesse primeiro plano que todo planejamento e ação pastoral deve ser compreendido, enquadrando-se numa normatividade prevista anteriormente. É dentro desse quadro de normatividade canônica que se entende o raio de possibilidades do planejamento pastoral da Paróquia, mesmo aquele a que se reporta à MC, pois é em relação à Diocese que o projeto da MC fundamenta seus objetivos de “conversão pastoral”.

É nesse sentido que a meta da Paróquia como “rede de comunidades” pode ganhar novos e diferentes sentidos: rede de CEBs? de grupos de oração? ou dos diferentes círculos de Movimentos e Comunidades Vivas? Todos podem ganhar uma legitimação no âmbito da MC? E que dizer de ambientes antes excluídos ou ignorados, qual a sua forma de incorporação nessa possível “rede”? Na verdade, a pulverização da participação comunitária numa enormidade de grupos, pastorais e movimentos, grande parte alheios ou apenas parcialmente envolvidos em qualquer planejamento paroquial ou mesmo diocesano, transversais ao espaço eclesial, interpela qualquer projeto missionário, mesmo aquele que se apoia na metodologia das SMP. Pois, nessa nova realidade, não é mais tão somente (às vezes, nem principalmente) o território, o que determina o nível de participação comunitária e nem qual seria o seu teor. Na dinâmica dialética entre a necessidade de abertura e de fechamento do espaço eclesial, de sua fragmentação, diversificação e busca de unidade, a MC objetivada pela Igreja deve conciliar modalidades alternativas de animação missionária, se ela deseja dialogar e alcançar alguma incidência nesse novo contexto eclesial.

No entanto, a Paróquia ainda surge como aquela estrutura que oferece os recursos mais estáveis para qualquer forma de participação eclesial. Como local físico, que reúne uma série de recursos aptos à participação social e religiosa, ainda é referência fundamental para qualquer forma de convivência comunitária. Dentro de um determinado território, mesmo no espaço urbano, é ainda a infraestrutura mais apta para qualquer modalidade de participação e articulação pastoral. Nesse sentido, qualquer que seja a forma delineada do projeto missionário, ela é o referencial mais importante na construção da comunidade eclesial.



Assim, na elaboração de um projeto missionário paroquial, enquanto unidade operativa do projeto diocesano, além do necessário levantamento da realidade local, a fim de tornar o plano eficaz, poderiam ser apresentados três objetivos básicos: 1) a “conversão das estruturas paroquiais”, flexibilizando-as e tornando-as aptas a uma realidade eclesial cada vez mais plural e móvel; 2) em vista de uma “rede” de células de comunidade, buscando a colaboração, a convivência e a participação de todas, independente de sua natureza, em comunhão numa mesma tarefa de evangelização; 3) situando-se no interior do projeto diocesano da MC, numa espiritualidade de comunhão, enquanto “rosto específico da Igreja local” e sua unidade operativa. Em torno desses objetivos, poderiam ser detalhados outros aspectos importantes, como objetivos específicos para determinados locais e ambientes, estratégias de ação e animação da pastoral, metas a serem alcançadas, estruturas e recursos, itinerários formativos em todos os âmbitos.

É nesse nível paroquial que as SMP podem mostrar propriamente sua potencialidade como uma metodologia que, para além de um instrumental operacionalizador do projeto paroquial, permite que se criem laços comunitários, convocando e envolvendo todos aqueles que vivem num mesmo território ou partilham de um mesmo ambiente. Se a MC, mais do que destinatários, busca interlocutores, as SMP, ao repensarem sua metodologia para atingir novos ambientes, situações inusitadas e formar novos agentes para novas formas de ação missionária, podem ser um verdadeiro instrumento para uma vida comunitária mais participativa, na medida em que tomam forma a partir das demandas reais das pessoas, das contradições que perpassam seu cotidiano, e do protagonismo que exercem no interior de suas próprias condições de vida.

## Experimentando a versatilidade das SMP

No “Itinerário da Missão Continental”, várias ações de conjunto são previstas a fim de ajudar na sua implementação: a revisão de planos, programas; planejamento de médio e longo prazo; revisão de procedimentos de organismos diocesanos; a promoção de intercâmbio entre dioceses, organismos, conferências episcopais; o desenvolvimento de instâncias de consulta (observatórios, assessorias); encontro de lideranças e organizações sociais. Pouco se pensou no que existe propriamente como metodologia e experiência real de missão que, ao mesmo tempo em que cubra um território amplo como uma diocese, possua também



a capacidade de atingir capilarmente o tecido social de cada pequena comunidade. Nesse sentido, as SMP trazem desde o princípio essas qualidades. Porém, a incongruência lembrada no início deste texto, entre a busca de “permanência” da MC e a “efemeridade” da realização das SMP, ressurgiu em alguns pontos importantes, o que leva a questionar sua versatilidade em relação à proposta da MC. Tentaremos discutir três desses pontos.

### 1) Leitura Orante da Bíblia e “Missão de Jesus”

Um aspecto fundamental na Conferência de Aparecida, e nem sempre destacado, é a sua preocupação com a formação da identidade de todo batizado, enquanto “discípulo missionário”. Todo discípulo missionário encontra sua identidade e se forma no encontro pessoal com Jesus Cristo (Dap. 28-29). Na verdade, essa é uma afirmação que serve de eixo ao documento inteiro, desde a primeira página até suas conclusões finais, o que acaba refletindo diretamente nas metas propostas da MC. Se tomarmos como indicativo o lema do projeto da MC, “a alegria de ser discípulo missionário”, parece que a grande finalidade da MC, mais do que atingir os “outros” que estariam fora da Igreja, estaria em despertar e dar solidez à fé dos próprios missionários. Talvez nesse sentido se possa entender que, na MC, se declare que ela procura antes “interlocutores” que “destinatários”. Em todo caso, a preocupação da formação dos “discípulos missionários” como estratégia fundamental da MC está implícita no entendimento da missão como “processo pedagógico”. Como tal, teria como público-alvo os jovens e afastados da Igreja, e se desenvolveria em etapas progressivas, começando pelo encontro pessoal com o Cristo, passando pela conversão e discipulado, até o envio à missão.<sup>3</sup> É nesse sentido que se pode entender a centralidade da “leitura orante da Bíblia” como prática cotidiana do discípulo missionário.

No projeto da MC, a prática da “leitura orante da Bíblia”, como “*Lectio Divina*”, é apontada expressamente como o método que deverá motivar e dar uma sustentação permanente à identidade do “discípulo missionário”. É o método proposto para um contínuo encontro pessoal com o Cristo, que deverá acompanhar o missionário no exercício de sua missão na Igreja. Já mencionamos anteriormente como essa preocupa-

<sup>3</sup> Esta dimensão pedagógica da MC está desenvolvida no Projeto Nacional de Evangelização “O Brasil na Missão Continental, na parte V e VI, referente à pedagogia da missão permanente.



ção encontra ressonância num traço fundamental das SMP, na medida em que cada missionário deve se colocar primeiramente como quem trabalha na “missão de Jesus”. No entanto, nas SMP, o contato com o Evangelho não busca a mesma profundidade da “*Lectio Divina*”, pelo fato de não ser mais que um apoio que impulsiona à prática missionária e à participação comunitária. As SMP parecem dialogar mais de perto com a tradição recente da leitura popular da Bíblia, tal como praticada nos grupos de base que formam o tecido social das CEBs. Assim, a metodologia das SMP visa tão somente realizar, num período limitado de tempo, um esforço coletivo, um verdadeiro “mutirão”, a missão que será uma “sacudida” nas estruturas paroquiais. Dessa forma, não existe uma preocupação maior em dar uma metodologia sistemática (mesmo que simplificada) de leitura orante.

O questionamento que ora levantamos seria se, na dinâmica das SMP como tais, existiria versatilidade suficiente para incluir a prática da leitura orante, ou outras variantes, que se adaptassem ao momento singular da realização das SMP. Ou então, se deveria haver, dentro desse “processo pedagógico”, uma transição entre um contato ainda superficial com a Palavra de Deus, como propulsora da missão, e outro momento, o da continuidade da prática pastoral, de sua estruturação, em que a motivação e aprofundamento da leitura e oração bíblica poderiam encontrar um consenso na metodologia da “*Lectio Divina*”. De toda maneira, pode-se constatar que existe mais de uma metodologia que pode ser qualificada como forma de “leitura orante”, atualmente em voga nos vários grupos e movimentos atuantes na Igreja. Em nível de CNBB, existe a iniciativa concreta da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade e da Justiça e da Paz, em conjunto com a Comissão Episcopal Bíblico-Catequética, de uma proposta de “*Leitura Orante e Popular da Bíblia na Pastoral Social*”. A experiência de aprofundamento vocacional do discípulo missionário no âmbito das pastorais sociais, por meio de uma forma adaptada de “leitura orante”, permite pensar que mesmo a metodologia das SMP possa, dentro de sua dinâmica, dar outro porte à “missão de Jesus” através de formas adaptadas de “leitura orante” da Palavra de Deus.

## 2) O “tríptico” e a piedade popular

O documento de Aparecida também dedica muitas páginas à importância da religiosidade popular, como um lugar muito especial



de encontro com Jesus (Dap. 258 a 265). Através de sua simbologia e de suas manifestações, a fé das classes populares vem se alimentando espontaneamente ao longo de várias gerações, nos diferentes rincões da América Latina. De fato, os momentos de mobilização de massa do povo católico em nosso país geralmente se apoiam nas devoções populares, que encontram na simbologia religiosa sua expressão mais forte. Na dinâmica das SMP, uma das lições tiradas de sua experiência acumulada, é o valor dessa simbologia como um caminho fecundo para se chegar à intimidade dos valores religiosos da população mais pobre, e poder assim dialogar de maneira mais profunda com suas concepções de mundo. A simbologia religiosa popular mostra-se um caminho rico para realizar a almejada inculturação da fé. Por ela, não só as classes populares encontram sua melhor forma de expressão, e crescem assim na fé dentro da Igreja, mas também a Igreja pode se tornar um espaço mais participativo e aprender novas formas de celebrar e vivenciar a fé, com um rosto mais popular.

Esse é também um objetivo da MC, ao propor que cada Igreja local realize a sua “conversão pastoral”, incluindo, entre tantos interlocutores, diferentes grupos das classes populares no interior do espaço eclesial. No entanto, a proposta do uso do “Tríptico” como o “símbolo” mesmo da MC, embora apoiada na piedade popular de algumas regiões da América Latina, parece desconhecer que um dos traços principais da religiosidade popular é seu caráter acentuadamente regional. É possível que, com o crescimento da penetração da Mídia eletrônica nos meios populares, venham a existir devoções de massa que alcancem difusão nacional ou continental. Mas, não existem garantias para saber quais símbolos ou devoções populares, de caráter regional ou particular, hão de se sobrepôr aos outros. Ora, a proposta do “Tríptico”, com todas as suas boas intenções, não pode pretender substituir uma enormidade de devoções de vários tipos já disseminadas nos mais diversos ambientes e grupos. As SMP, numa metodologia que se desenvolveu no contato com as expressões da religiosidade popular, procura dialogar com essa simbologia, vendo nela um caminho para gerar uma participação mais autêntica no interior da comunidade. No seu uso pontual no tempo e no espaço próprio da realização da missão, no respeito à autonomia de tais expressões, nem as SMP parecem monopolizar o uso dessa simbologia, nem ela parece ocupar um lugar maior do que deveria, na renovação comunitária e paroquial.



No entanto, apesar de aparentemente “postíço”, a versatilidade e generosidade de espírito de membros de várias comunidades de diversas Dioceses em todo país, que assumiram mais intensamente a proposta da MC, permitiram que houvesse uma grande aceitação do “Tríptico” em sua atuação. Inserido na prática religiosa dos grupos de oração, através da forma de uma “capelinha” (como tantas outras capelinhas que percorrem as casas no interior do Brasil), pode exercer a função de um “quadrante” pedagógico para a evangelização. Sua intenção inicial de se tornar o símbolo mesmo da MC, para atingir o seu objetivo, numa dinâmica própria das SMP, não pode estar desvinculada de toda a riqueza da religiosidade popular já existente, nem das muitas práticas devocionais que as classes populares e diferentes extratos da população não se cansam de recriar. Saber compor e dialogar com essa riqueza da religiosidade popular, mesmo que ocasionalmente, como no caso das SMP, é a condição necessária para que o “Tríptico” possa ensejar uma ocasião a mais para realizar a inculturação da fé em meio popular.

### 3) Modalidades alternativas de SMP e pastoral ambiental e de fronteira

Uma das objeções feitas à metodologia das SMP é a dificuldade de sua aplicação em determinados ambientes, sobretudo aqueles que se reportam ao espaço urbano das grandes cidades. Respondendo a essa objeção, argumenta-se que existe um apego demasiado ao método, não se levando suficientemente em conta o contexto da realização da missão, no caso, o mundo urbano.<sup>4</sup> De toda maneira, essa resposta apenas confirma a dificuldade real demonstrada por determinados tipos de ambientes, ou determinados grupos que vivem à margem dos padrões correntes da sociedade, especialmente no contexto das grandes metrópoles, às formas já consagradas de ação evangelizadora. A simplicidade de meios, recursos e agentes que marcam a metodologia das SMP, encontra menos dificuldade na zona rural, em comunidades ainda fortemente marcadas por relações de vizinhança. Um contexto semelhante é possível ser encontrado nos bairros rurais de pequenas e médias cidades do interior, ou ainda em muitas periferias urbanas de grandes cidades brasileiras. Também ali, metodologias de missão oriundas da experiência das SMP encontram ressonância na renovação da vida comunitária. Porém, a proposta da

<sup>4</sup> *Missões Populares da Igreja no Brasil*, p. 63.





MC almeja chegar além desses ambientes em que a estratégia da visita-ção de famílias é ainda o meio mais propício de realizar a missão. Para além desse público, o itinerário da MC prevê que setores profissionais, ambientes específicos, grupos minoritários, bem como determinados territórios de entrada restrita, possam também ser evangelizados.

Existe uma dificuldade real da metodologia das SMP, tal como proposta normalmente, em atingir ambientes como esses. A cidade globalizada aboliu algumas fronteiras físicas, mas ergueu outras, que filtram ou barram o acesso de múltiplas formas de assédio, a que determinados grupos específicos frequentemente se veem expostos. Normalmente, em tais ambientes e setores, para se aproximar de determinado território vigiado, grupo minoritário etnicamente marcado, ou classe profissional organizada, a solicitação de visita ou contato que permita a evangelização deve partir do seu interior. Numa sociedade em que até mesmo os serviços religiosos são negociados numa determinada forma de “mercado”, a Igreja deve encontrar as suas formas próprias e adequadas de mediação, para dialogar com essa multiplicidade de ambientes. Tal necessidade se apresenta, seja para se entrar no território de uma favela ou de um condomínio fechado, seja para se ganhar a confiança de um grupo de imigrantes ou de ciganos, para se fazer presente no setor da saúde, da educação ou de um círculo de empresários. As SMP devem repensar completamente suas estratégias e a formação de seus agentes, se desejam ser um instrumental capaz de obter alguma forma de incidência nesses contextos. Na complexidade da atual realidade urbana, existe um saber e uma confiança que não podem ser dispensados (e que provavelmente não se adquirem na escola, mas sobretudo numa prática de persistente aproximação), e que se tornam um instrumental fundamental para o diálogo com determinados grupos humanos. Não será possível pensar uma estratégia missionária nesses ambientes, sem esse tipo de mediação.

A Igreja no Brasil e na América Latina, mesmo no momento da “sacudida” do impulso da MC (com a ajuda das SMP ou não), não pode dispensar o diálogo e o apoio às pastorais ambientais e de fronteira que se organizam em vários níveis, e já prestam assistência a essas realidades. O grande serviço que a MC pode prestar nesse sentido, é sensibilizar as várias instâncias das Igrejas locais – Conferências, Regionais, Dioceses, Paróquias – para esse tipo de serviço, como espaços alternativos de engajamento e frentes de ação pastoral, e que desde sempre atuaram com uma consciência clara de que estão em “permanente estado de missão”.



## Considerações finais

O projeto da MC procura claramente renovar e mesmo restabelecer as principais instâncias de articulação pastoral, a Diocese e a Paróquia, no sentido de que elas também deem um passo qualitativo, passando de uma “pastoral de mera conservação” para uma “pastoral decididamente missionária”. Nesse sentido, ele se enquadra inteiramente dentro do espírito da Conferência de Aparecida. As SMP, mesmo reconhecendo seus limites e carências, podem constituir um instrumental valioso para a sua realização. A Igreja no Brasil, nos seus projetos de animação pastoral, em nível nacional, regional ou diocesano, ao longo das últimas décadas vem buscando alcançar esses mesmos objetivos, e é nesse contexto que se pode reconhecer toda a riqueza representada pelas SMP. Não há como negar, porém, que toda estruturação canônica e “ordinária” da ação pastoral na Diocese e na Paróquia, está apoiada na pessoa do Bispo e do Pároco, respectivamente. Uma concepção mais coletiva e partilhada da ação pastoral, como ansiada pela MC, só pode se tornar realidade se eles, pessoalmente, se comprometerem com sua efetivação. Da potencialidade, mas também contingência, de seu entusiasmo, compromisso e sensibilidade pela vida do Povo de Deus, dependem a possibilidade de realização plena da MC e sua continuidade futura. Tantos planos de pastoral e projetos de animação missionária aprovados pela CNBB têm confirmado a constatação dessa contingência histórica e estrutural na vida da Igreja. Isso é tanto mais fundamental que, para além de um grande evento missionário, como os realizados pelas SMP, a MC, uma vez mais, coloca como objetivo a continuidade da renovação da ação missionária, incorporando-a nas estruturas, dinâmicas formativas e planejamentos pastorais. Tal dinamismo, atuando como “pastoral decididamente missionária”, nesse sentido, não é mais tarefa das SMP, mas obra a ser pensada e realizada na continuidade do cotidiano.

## Referências

CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2008.

CELAM. *Itinerário da Missão Continental*. Brasília: Edições CNBB, 2009.



CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Missões Populares da Igreja no Brasil: memória, projeto, seguimento*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB. *Projeto Nacional de Evangelização: O Brasil na Missão Continental*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

*Endereço do Autor*

Paróquia Bom Jesus dos Migrantes  
Quadra 04 – Área Especial 02  
Caixa Postal 7552  
CEP 73001-970 Sobradinho, DF